

Cenário favorável continua a baixar o risco Brasil

Em ano de eleição presidencial, indicadores da economia podem diminuir as turbulências nos mercados

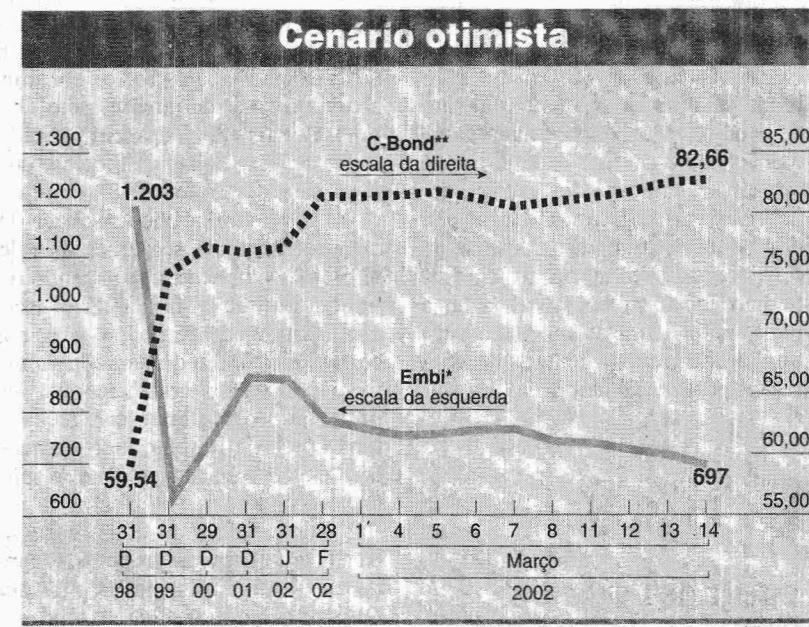
Christiane Silva
de São Paulo

Se depender apenas dos indicadores da econômica brasileira, o período que antecede às eleições presidenciais poderá gerar menos volatilidade no mercado financeiro do que nas últimas votações. O cenário macroeconômico está mais estruturado e sólido do que nas eleições ocorridas em 1994 e 1998, mas não está imune aos efeitos da corrida à Presidência da República. Desta vez, há mais candidatos disputando o cargo e o mercado financeiro, tradicionalmente, sempre é mais sensível aos rumores políticos que acontecem nesta época do ano.

De acordo com um relatório do Dresdner Bank Lateinamerika, a incerteza associada à eleição presidencial pode ser menor neste ano porque o programa de governo de todos os candidatos parece prever a manutenção da estabilidade econômica e o crescimento. "A volatilidade que pode ocorrer no mercado financeiro será esporádica e não significa que o setor produtivo da economia também estará preocupado", disse o economista do Lloyds TSB, Odair Abate. Esses momentos de instabilidade podem ser favoráveis aos investidores que poderão alcançar lucros — ou perdas — com a variação no preço dos ativos financeiros.

Em 1993 e 1994, por exemplo, os indicadores conjunturais eram melhores e a população brasileira estava eufórica com o fim da inflação e a implantação da URV (Unidade Real de Valor), criada pelo então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e que foi um dos principais elementos do Plano Real. "Mas estruturalmente o país estava muito pior do que agora. Havia os desafios da privatização e o déficit na previdência social. O otimismo durou pouco e em fevereiro o país sucumbiu com o contágio da crise no México", disse o economista do Citibank, Carlos Kawall.

Em 1998, a economia brasileira foi atingida pelos respingos da crise asiática, que começou em 1997, e logo após pela crise russa, em outubro de 1998. "A política fiscal na época era insustentável, havia um



Fonte: BBV Banco

*Risco país medido pelo JP Morgan, em pontos básicos

**Valor de face em %

Momento melhor

| | CONTAS EXTERNAS (US\$ bi) | 1998 | 2002* |
|---|---------------------------|-------|-------|
| Exportações..... | 51,1 | 57,4 | |
| Importações..... | 57,6 | 52,2 | |
| Balança comercial..... | -6,4 | 5,2 | |
| Conta corrente..... | -35,2 | -19,7 | |
| ATIVIDADE ECONÔMICA | | | |
| PIB..... | 0,2% | 2,4% | |
| Produção Industrial (IBGE)..... | -2,3 | 2,2% | |
| INFLAÇÃO | | | |
| IPCA..... | 1,8% | 4,9% | |
| IPC-Fipe..... | -1,8% | 4,4% | |
| SETOR PÚBLICO | | | |
| Superávit Primário do Governo Central (R\$ bi)..... | 6,3 | 32,0 | |
| Superávit Primário do Setor Público (R\$ bi)..... | -0,10 | 46,0 | |
| Superávit Primário do Setor Público (% do PIB)..... | 0,0% | 3,5% | |
| TAXA DE JUROS E DE CÂMBIO | | | |
| Câmbio (média do período, R\$/US\$)..... | 1,16 | 2,60 | |
| Câmbio (final do período, R\$/US\$)..... | 1,21 | 2,55 | |
| Taxa Selic (média)..... | 28,6% | 17,5% | |

Fonte: HSBC *Estimativas

| Câmbio | | | |
|-----------------------------|--------|--------|--------|
| Cotação de venda (R\$/US\$) | | | |
| Março | | | |
| Taxa | 14 | 13 | 12 |
| Mínima | 2,3370 | 2,3220 | 2,3290 |
| Máxima | 2,3540 | 2,3510 | 2,3630 |
| Fechamento | 2,3440 | 2,3490 | 2,3310 |
| Ptax* | 2,3441 | 2,3368 | 2,3496 |

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

* Média do Banco Central

federal passou de R\$ 6,3 bilhões (1998) para R\$ 32 bilhões (2002). Já a relação dívida pública/PIB piorou: de 42,6% para 54,9%, no mesmo período. Os juros básicos da economia cederam de 29% para 16,5% ao ano (expectativa para dezembro de 2002) nos últimos quatro anos. Abate, do Lloyds, afirma que apesar de o panorama macroeconômico ter melhorado ainda há muito por fazer. "Os números fiscais estão bons, mas a reforma fiscal é imprescindível. A inflação está baixa, mas ainda está acima da meta", disse.

Um dos indicadores mais sensíveis à mudança macroeconômica foi o C-Bond, principal título da dívida soberana renegociada. O papel, que é transacionado no mercado internacional, subiu 43%, de US\$ 0,472 (no final de 1994) para US\$ 0,826, ontem. O título é um termômetro da confiança do investidor estrangeiro no país. O risco país (que indica o preço pago para tomar empréstimos no exterior e a remuneração necessária para vender papéis aos investidores internacionais) também melhorou nos últimos anos.

O Embi+, medido pelo JP Morgan, caiu quase pela metade nos últimos quatro anos. O índice passou de 1.203 pontos básicos, em dezembro de 1998, para 697 pontos bási-

cos, ontem. O índice é uma média do "spread" (juros pagos acima dos títulos do tesouro norte-americano) dos principais títulos brasileiros. De acordo com um relatório do BBV Banco, o risco país há tempos estava acima do nível sugerido pelo "rating" soberano do país — calculado por simulações econômicas e séries de tempo.

O índice correto apontava para 760 pontos básicos. "Apesar de surpreender alguns analistas, a queda no prêmio de risco do país não é descolada dos fundamentos atribuídos ao país por meio do "rating" (que melhoraram). Novas reduções do prêmio de risco são possíveis desde que o risco corrente esteja acima do sugerido pelo rating", informam os economistas do banco.

O C-Bond subiu 0,46%, ontem, e valia US\$ 0,826, com rumores de que a agência de classificação de risco norte-americana Moody's Investor Service poderia elevar o "rating" do Brasil antes das eleições presidenciais. O Brasil está três níveis

abaixo da classificação "investment grade" (recomendação para investimentos). "Os investidores estão otimistas porque consideram que outras agências também podem melhorar a classificação do Brasil", disse o diretor de mercados emergentes da Corretora López León Brothers, Felipe Brandão.

Ontem, a cotação do dólar comercial seguiu o bom humor do dia e fechou em baixa de 0,21%, negociado a R\$ 2,344, na venda. A Ptax, média das cotações apurada pelo Banco Central (BC), ficou em R\$ 2,3441, alta de 0,31%. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), o contrato de dólar com liquidação financeira em abril caiu 0,26% e valia R\$ 2,36. O dólar também pode ser um importante indicador da preocupação dos investidores com o resultado das eleições presidenciais. No ano passado, a moeda chegou a subir 48% e ser negociada a R\$ 2,84, após o atentado aos Estados Unidos, em 11 de setembro. Neste ano, o preço do dólar acumula alta de 1,2%.